

INTRODUÇÃO

Xenofontes nos relata em *Anabase*, a retirada dos Dez Mil. Os gregos foram contratados por Ciro, o Moço, para ajudarem-no a retirar do trono da Pérsia seu meio irmão e usurpador. Os gregos vencem a batalha, mas Ciro foi morto. Agora, sem chefe ou comandante, e, ainda, longe de casa. Aí transparece o espírito da civilização grega “O homem é um animal político ... cuja característica é viver numa cidade-estado”. É a de que “o homem é a medida de todas as coisas”. Este espírito moldou a civilização ocidental, os gregos da dialética, da filosofia, da história, da tragédia de Édipo e da odisséia de Ulisses. Então, os Dez Mil elegem um general, Xenofontes, e rumam para o Norte na esperança de alcançarem o Mar Negro.

Os pelotões caminhavam com certos intervalos. Subiam uma montanha, os primeiros a chegarem ao pico começam a gritar – Talassa, talassa! Os pelotões da retaguarda, não os ouvindo e vendo-lhes os gestos, corriam pensando ser algum ataque de inimigos. E lá chegando, punham-se aos pulos e gritos, também, como aos primeiros. Xenofontes fazia parte do último pelotão. Talassa era o mar. Os gregos, senhores do mar, sentiam-se em casa.

Dizem que “a verdade é mais estranha do que a ficção”, é o que costuma ser. Talvez daí a perpetuidade deste gênero e deste livro, a que não vamos classificar, seja de história, biografia ou autobiografia. Seja um, ou outro, ou fusão dos três, fica a cargo do leitor judicioso esta missão. O certo é, que atrai leitores. É o que prova a popularidade, a permanência, que vara milênios. É que buscamos, com sofreguidão, conhecer pormenores e grandezas, curiosidades, êxitos e pesares das pessoas, as qualidades humanas e inumanas, que se estampam nos livros, jornais e na mídia. Buscamos em tais pessoas o que não fizemos, não falamos, não pensamos, não vivemos. É Guy de Maupassant quem melhor retrata esta busca: “consola-me, diverte-me, entristece-me, entenece-me, faz-me sonhar, faz-me rir, faz-me vibrar, faz-me chorar, faz-me pensar”. Neste livro o leitor, certamente, terá o seu quinhão.

Neste livro há vida, muita vida, a do Ministro **Anselmo Santiago**. Prova-o cada página, perlustrada com carinho e atenção. A cristalização do Direito, do sentimento humano e, até com os animais – (v. Palavras Finais) – “... vi um cão vira-lata bastante maltratado, e outro, mutilado. Recolhi-os para minha casa e os tratei, dando-lhes comida e carinho”. Mas, é também, o Mão-Pesada, quando se

trata de crime – (v. Poemas de Despedida). Ainda da humildade do quase asceta, da abdicação nas matas do Pará; como juiz estadual em início de carreira há muitas décadas atrás. Mas, é ser pela Justiça, o Mão-de-Ferro, Carne-de-Pescoço, de Marabá-PA – (v. Palavras finais). “Tornou-se necessário agir-se com rigidez ... a população, a cidade, até então não acreditava nem confiava na Justiça, situação que passou a mudar significativamente mercê de atitudes e providências que tomamos”. Ainda, é o juiz de liberdade exemplar – (v. Uma Decisão de Justiça: aos aposentados 147,06%). Decisão de direito que contrariava a posição do Executivo. Desta feita, este livro não se enquadra como obra de encômio, que dura e divisa menos que a geometria das nuvens num entardecer de verão.

Agora, assim, como aos Dez Mil reunidos em cima do monte, a olhar para o mar. Quando um deles chega e diz a Xenofontes: “Podemos acabar nossa jornada como Ulisses, deitados de barriga para o ar”. É o que merece, e a lei o determina ao nosso preclaro **Ministro Anselmo Santiago**.

A Editoração Cultural, na elaboração deste livro, em homenagem ao **Ministro Anselmo Santiago**, contou com o importante apoio de muitas pessoas. Dessas, fazemos menção a D. Ivete e Patrícia Santiago; a D. Alexandrina, pessoa ligada à família Santiago há longa data; a Andrea Ghise, da Assessoria de Comunicações, e Gisele de Souza, da Assessoria de Imprensa, ambas do TRF da 1ª Região; a Glória Lima, da Assessoria de Imprensa do TJ-PA; a Sandra Lobato, jornalista do Diário do Pará. Elas que, a toda brida, a boas horas, a boa-fé, vieram enriquecê-lo com informações e partes aqui inclusas. Desta feita, a bis, se nos alcançasse tamanho dote em utilidade e servir, externamos aqui, com singeleza de coração, nossa profunda gratidão.

Emival A. Ramos
Editoração Cultural